



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANA CRISTINA MARINHO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA INTRODUÇÃO DE CRIANÇAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAMPINA GRANDE
2015**

ANA CRISTINA MARINHO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA INTRODUÇÃO DE CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Curso de Graduação em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à conclusão de curso.

Orientador: Prof^ª. Me. Livânia Beltrão Tavares

**CAMPINA GRANDE
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586i Silva, Ana Cristina Marinho da
A importância da afetividade na introdução de crianças na
educação infantil [manuscrito] / Ana Cristina Marinho da Silva. -
2015.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares,
Departamento de Pedagogia".

1. Educação Infantil 2. Afetividade 3. Criança 4. Psicologia
Infantil I. Título.

21. ed. CDD 372


ANA CRISTINA MARINHO DA SILVA

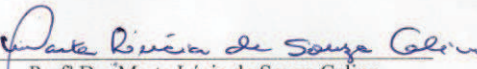
A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA INTRODUÇÃO DE CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
conclusão de curso.

Aprovada em: 26 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Me. Livânia Beltrão Tavares (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a. Dra. Marta Lúcia de Souza Celino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a. Me. Maria de Lourdes Cirne Diniz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTO

A Deus,

Criador Supremo

A Minha Mãe, Maria

Por Nunca Me Deixar Desistir

A Minha Orientadora Livânia Beltrão,

Pela Paciência

Aos Meus Colegas De Curso,

Por Todo Caminho Trilhado Juntos

DEDICATÓRIA

A minha família, onde em todos os momentos da minha vida, encontrei o remanso necessário para renovar as forças e seguir em cada dia que amanhece.

RESUMO

Este artigo buscou discorrer sobre a importância da afetividade na introdução de crianças na Educação Infantil, investigando bibliograficamente os desdobramentos que a ausência destas práticas afetivas pode gerar sobre as crianças. Tal pesquisa foi possível através do aporte teórico de autores envolvidos com a psicologia da educação, como: Piaget (1982), Davis (1991) e Vygotsky (1998), autores envolvidos com a educação infantil como: Valle (2000) e Medeiros (2002) e a contribuição do construtivismo através de Moll (1998). Embasado nestas e outras leituras, esta abordagem tentou entender as práticas e estratégias desta relação professor e aluno, sobretudo nas séries iniciais. Procuramos enfatizar com suporte dessas referências teóricas a importância da afetividade, ao mesmo tempo em que ao longo da investigação bibliográfica, conseguimos responder hipóteses levantadas no início da pesquisa, cuja importância se esboçava de forma individual e de uma profundidade social e coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade, Crianças, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Ao se refletir sobre o ensino da leitura e da escrita na Educação Infantil e de como se esboça a afetividade na relação entre professor e criança, é bastante comum nos questionarmos sobre qual a necessidade de se encaminhar crianças para uma sala de aula antes de alfabetizá-las? Que tipo de procedimento seria mais apropriado? Ou mesmo, como é a construção da escrita da criança e como contribuir para a formação de leitores e escritores, em um ambiente afetivo?

Ao elaborar esta abordagem, é possível responder tais questionamentos, esboçando os avanços de introduzir na educação cada vez mais cedo as crianças, logo os resultados se delineiam com crianças bem alfabetizadas e conscientes da sociedade que vivem e do lugar social que ocupam.

No Brasil, a Educação Infantil tem uma trajetória de preocupação com tal necessidade, que vem a ser esboçada por setores e áreas não governamentais. A educação das crianças foi por muito tempo um privilégio dos ricos, onde os filhos de operários e de pessoas das classes mais baixas, não tinham o devido acesso a este direito.

Verifica-se que, até meados do final dos anos setenta, pouco se fez em termos de legislação que garantisse a oferta desse nível de ensino. Já na década de oitenta, diferentes setores da sociedade, como organizações não-governamentais, pesquisadores na área da infância, comunidade acadêmica, população civil e outros, uniram forças com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre o direito da criança a uma educação de qualidade desde o nascimento. Do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido. (PASCHOAL, 2009, pág. 85).

Percebemos que além da Constituição Federal de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, destaca-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que, ao tratar da composição dos níveis escolares, inseriu a educação infantil como primeira etapa da Educação Básica. Essa Lei define que a finalidade da educação infantil é promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, pág. 10). De acordo com o Ministério da Educação, o tratamento dos vários aspectos como dimensões do desenvolvimento e não áreas separadas foi fundamental, já que “[...] evidencia a necessidade de se considerar a criança como um todo, para promover seu desenvolvimento integral e sua inserção na esfera pública” (BRASIL, 2006, p. 10).

Sabe-se que ao se trabalhar com crianças, o professor precisa elaborar estratégias para ampliar a sua relação afetiva com as mesmas. Uma vez que as crianças se identifiquem com o professor e seu método, o aprendizado será facilitado por uma relação de amizade e confiança, que proporcionará o interesse individual e coletivo das crianças por aprender. Muitas vezes o aprendizado é comprometido pelo fato de uma criança não se identificar com o professor e seu método:

Evidentemente, algumas crianças enfrentam sérias dificuldades em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Não lhes é fácil abstrair e generalizar, sofrem inúmeros medos e problemas de relacionamentos com outras crianças e adultos. É prudente, todavia, não se concluir que todas as crianças com problemas de aprendizagem escolar, são crianças difíceis ou anormais. Sobretudo, não é possível pensar que os 40% dos alunos que não alfabetizam na primeira série da escola brasileira, não o façam devido a desajustes emocionais (DAVIS, 1991, p. 80).

O professor deve em seu ofício estabelecer uma relação afetiva que facilite o aprendizado, buscando evitar fatores emocionais que prejudiquem a criança e sua introdução a educação. Devemos analisar o conhecimento que a criança já possua, onde este conhecimento poderá ser utilizado como ponto de partida neste processo inicial, e o professor evitaria

fornecer informações distantes do que a criança já conhece, logo tal prática, poderia ultrapassar o limite da criança, minando a relação afetiva entre o professor e a mesma.

O desenho da criança representa os seus primeiros escritos, que esboçam a sua compreensão da realidade. Levando em consideração tais aspectos, cabe ao professor nesta fase inicial, estimular a mesma nestas primeiras iniciativas de escrita, buscando compreender os significados. No mundo representado a sua volta, a criança vai compreendendo e processando as suas primeiras impressões da realidade, empreendida pelos desdobramentos do cotidiano social que vive. O juízo de valor esboçado diante da realidade que confronta, lhe faz nos primeiros passos de sua educação, desenhar e rabiscar sua compreensão de realidade. O professor deve aproveitar estes momentos para estimular a criança a continuar nesta escrita inicial, com o intuito de gerar indivíduos críticos, e nesta fase inicial de sua educação, as crianças sintam prazer em grafar suas concepções de realidade. Tal perspectiva depende de uma metodologia que ensine a criança a interpretar textos em vez de decifrar o que está escrito.

O andamento e evolução da Educação Infantil depende profundamente de uma relação afetiva entre a criança e o seu primeiro professor, pois a confiança que a criança deposita neste profissional, proporcionará uma prática repetida do que a mesma já tinha conhecimento mas não sabia elaborar tal grafia, mesmo que rabiscos. A repetição e prática dos rabiscos e desenhos ajudará numa escrita que reproduzirá cada vez mais as impressões de realidade que a criança apreende dia após dia.

A metodologia de investigação bibliográfica nos proporcionou uma experiência bastante profunda, que ao mesmo tempo visou responder as hipóteses levantadas no início da pesquisa, nos fez perceber a importância da afetividade como mecanismo facilitador da aprendizagem, para além de projetos político pedagógicos. As referências bibliográficas, trouxeram a esta abordagem um aprofundamento em relação a importância da afetividade, na educação de crianças, destacando-se a atualidade e diversidade destas concepções. Sobre isso, Souza reflete:

Para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. (...) O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua atuação, pode produzir modificações no comportamento infantil, transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer suas dificuldades. (SOUZA, 1970, p. 10-11).

Esta e outras leituras embasaram a pesquisa respondendo aos questionamentos, bem como ressaltando a importância da afetividade no universo educacional, sobretudo nas séries iniciais, onde tal prática pode fazer a diferença na formação social de qualquer indivíduo. A prática afetiva no cotidiano de sala de aula, no ensinar a ler e no educar, foi investigada e citada na perspectiva de vários autores que enriqueceram esta abordagem e re-significaram nossas concepções.

Fundamentalmente é de responsabilidade do professor da Educação Infantil, estimular com uma metodologia voltada à afetividade, seguindo um projeto político pedagógico, bem como tendo aporte da psicologia da educação; estimular cada vez mais cedo, com textos e imagens, a prática da leitura para as crianças. Desta forma, cada vez mais cedo as crianças farão sua interpretação de realidade e desenvolver sua leitura e escrita. A seguir nos deteremos a analisar o processo de evolução da educação, a partir dos estímulos da afetividade como elemento facilitador do aprendizado, leitura e escrita. Com o aporte teórico de vários autores da pedagogia, psicologia da educação e antropologia, nos propomos através desta análise teórico bibliográfica, a ressaltar a importância da afetividade na Educação Infantil.

AFETIVIDADE NO APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A experiência da educação formal, sistematizada no ambiente escolar, gera nos indivíduos de uma forma geral, um processo de adaptação a esta nova experiência, em que de muitas formas a criança lança sobre a professora um estereótipo de segunda mãe, em que a afetividade acaba sendo um fator que vem a estimular os indivíduos no aprendizado, devido à confiança depositada no profissional de Educação Infantil.

O processo de socialização com outras crianças e renúncia ao medo do desconhecido, na experiência das séries iniciais, acaba sendo vivenciado de uma forma mais tranquila pela criança, quando a mesma projeta sobre seu primeiro educador em sala de aula, um olhar afetivo que acaba gerando uma melhoria no seu processo educacional.

O papel da afetividade no aprendizado e desenvolvimento intelectual assume uma grande importância, onde a criança e a afinidade com seu primeiro professor educacional pode, de uma forma geral, acelerar ou retardar o ritmo do desenvolvimento educacional. Para qualquer ser humano, se submeter a uma nova experiência, mesmo na idade já adulta, lhe traz como consequência os receios e temores do que há de vir. Algo que podemos definir como o medo do desconhecido. Eis uma grande característica da natureza humana, ao passar pela experiência do novo. Para uma criança, esta introdução na gênese do seu processo educacional, esboça essa cadeia de sentimentos e receios a este processo, onde a importância da afetividade se esboça na metodologia do professor, e nos resultados obtidos em sala de aula.

O professor acaba tendo um papel de grande importância, ao empreender esta relação de afetividade com as crianças submetidas aos seus métodos educacionais, onde tal afetividade terá esta função de alavanca estimuladora, para atingir os seus objetivos. A observação do processo de desenvolvimento educacional dos seus alunos exige que o professor não faça julgamentos do que é certo ou errado, pois estes conceitos são relativos diante do processo de desenvolvimento como podemos ver a seguir:

Ao professor compete, após fazer sua avaliação do trabalho da criança, refletir sobre o que pode fazer para que esta criança possa continuar, com maior desenvoltura, seu processo de construção cognitiva. É a partir desta reflexão que ele não só poderá dar continuidade ao seu diálogo com a criança como também poderá repensar seu planejamento de longo prazo. (MOLL. 1998, p. 105).

É de grande importância estabelecer espaços pedagógicos com a criança, bem como observar o seu comportamento e desenvoltura em relação às atividades propostas em turma, e

a partir desta análise minuciosa dos resultados, buscar aprofundar esta relação com a criança, onde a afetividade será um elemento facilitador na relação professor e aluno.

Segundo Valle (2000), as relações afetivas entre o professor e a criança influenciam diretamente nos resultados do processo educacional. É necessário que a criança se identifique com o professor e seus métodos como podemos ver a seguir:

As aptidões emocionais são a base para a aprendizagem, entendida em seu sentido próprio e também na realidade escolar do dia a dia. A avaliação dos padrões emocionais e sociais (inteligência intra e interpessoal) parece ser um indicador mais exato do sucesso escolar do que outras demonstrações de vivacidade da criança, como ler precocemente ou verbalizar com desembaraço, que também tem importância (VALLE, 2000, p. 61).

Para conquistar a criança e ter uma probabilidade maior de sucesso em seu desempenho, é necessário intensificar os laços emocionais e associar aos métodos de ensino, um relacionamento de amizade afetiva com as crianças. Para que a criança aprenda verdadeiramente, é necessário que ela se sinta bem no ambiente escolar, e principalmente se estimule com os métodos sugeridos pelo professor. Naturalmente a criança só esboça seus rabiscos e desenhos para alguém que ela tenha confiança e que demonstre alegria e palavras de incentivo. Desta maneira, o laço afetivo entre o professor e a criança é fundamental para que a mesma desenvolva sua escrita e aprendizado da leitura. A teoria de Freud enfatiza bem como a criança cria sua personalidade através dos significados atribuídos ao professor nesta relação de aprendizado:

Freud chamou, portanto, a atenção para a interação entre as necessidades e desejos da criança e o tratamento que a mãe ou outros adultos lhe dispensam. Nesse processo, a criança constrói não apenas a sua personalidade, mas também a sua identidade, aquilo que a diferencia das demais pessoas e que ela percebe como sendo seu EU. A construção da identidade ocorre através da construção de significados a respeito das ligações que o indivíduo estabelece com o mundo. Significados esses que podem ser conscientes ou inconscientes para ele, num determinado momento (DAVIS, 1991, p. 83).

Compreende-se que, em muitas situações, a criança projeta sobre o professor a imagem dos pais e, dentro desta realidade, a importância de se ganhar a confiança desta criança, para que sua aprendizagem seja proveitosa. O laço afetivo entre aluno e professor é fundamental, logo a criança brinca, ri, risca e se solta; quando se sente à vontade e tem confiança em quem está por perto. Algo bastante natural entre os seres humanos é buscar um

ambiente de sociabilidade. Para a criança, este primeiro espaço é a escola e seu leque de novidades, informações e laços afetivos.

Ao procurar orientar uma turma de crianças, o professor busca com seu ofício contribuir para a formação de leitores e escritores, que em seu cotidiano tenham uma reflexão crítica do que lhes são dados a ler, não apenas nesta fase inicial, mas pelo decorrer da vida. Neste sentido, as iniciativas do professor, além de considerarem os conhecimentos já obtidos pela criança, também passam por uma observação comportamental da mesma, bem como, trazer informações não tão distantes do conhecimento que a criança apresenta:

Portanto, existem alguns limites para a aprendizagem que são determinadas pela capacidade dos alunos à medida que progredem em seu desenvolvimento cognitivo. Desta maneira, o avanço cognitivo só pode ser produzido se a informação nova for moderadamente discrepante da que já se possui (CARRETERO, 2009, p. 23).

É fundamental que os estímulos para que a criança desenvolva sua escrita e leitura, considerem o conhecimento que a mesma já domina, bem como a ela sejam apresentadas informações próximas do que ela tenha conhecimento. Desta forma, o seu aprendizado será eficaz, uma vez que as etapas do seu conhecimento cognitivo forem respeitadas. (CAVALLARI, 2006).

O professor deve de uma forma geral, observar as primeiras formas de escrita da criança, como rabiscos e desenhos, que são considerados, os primeiros passos da escrita da mesma, que necessitam ser estimulados e analisados os seus significados. O desenho da criança representa a escrita da sua compreensão da realidade e devem ser constantemente estimulados e levados em consideração:

Como toda representação, baseia-se em uma construção mental que cria suas próprias regras. Sabemos, desde Luquet, que desenhar não é reproduzir o que se vê, mas sim o que se sabe. Se este princípio é verdadeiro para o desenho, com mais razão o é para a escrita. Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente (BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – Ministério da educação, secretaria de educação especial. Brasília: MEC/SEF. 2007. Pág. 81).

A representação da criança e de sua realidade social cotidiana é esboçada com seu juízo de valor e compreensão da realidade, devendo ser entendida como uma forma de escrita e compreensão do que vive. Este conhecimento da criança serve como ponto de partida para a tentativa ou anseio do professor de gerar indivíduos críticos, que reflitam e elaborem suas concepções. Para atingir tal objetivo, é necessário influenciar a criança a ler e interpretar, já

na gênese desta formação educacional. Desta maneira, a criança poderá interpretar textos e não apenas decifrar o que está escrito.

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor. (ANTUNES, 2006, p.5).

A relação afetiva com o professor proporciona à criança uma possibilidade de evolução de sua escrita e leitura, uma vez que confia no seu professor (a), vai praticando o que já tinha conhecimento, mas não sabia elaborar tal grafia. O professor ajuda a criança a superar suas limitações de uma maneira geral, enfatizando a repetição e prática do desenho e primeiros escritos, mesmo que sem muito significado para ele, mas consciente que para a criança, os rabiscos são uma reprodução de sua compreensão da realidade. Esta primeira impressão e interpretação da realidade devem ser estimuladas na prática educacional.

A leitura e escrita têm grande importância na educação infantil, logo seu estímulo pode cada vez mais cedo introduzir a prática da leitura e interpretação dos textos e da realidade existente. O professor é o grande responsável por esta iniciativa, que depende de um projeto político pedagógico, da psicologia da educação e fundamentalmente da experiência do profissional.

Sendo um direito de todos, a educação na sociedade contemporânea se esboça como um mecanismo de evolução social, crescimento individual e fundamentalmente como alavanca para uma sociedade harmoniosa. Na educação infantil o aprendizado das crianças deve ser intermediado por um profissional que estimule a descoberta dos códigos da escrita e leitura, levando em consideração as ideias que a criança já adquiriu antes de ser inserida no ambiente escolar.

Como podemos estimular uma criança que aprende a ler e escrever, a interpretar um texto em vez de decifrar o que está escrito? Mesmo que a literatura seja específica, que os textos sejam repletos de ilustrações animadas é de extrema importância que o professor tente ensinar as crianças a interpretar, gerando uma consciência crítica já na gênese desta formação educacional.

Para estimular as crianças a desenvolver a escrita e leitura, é de extrema importância que o educador perceba as habilidades que a criança já apreendeu nas relações pessoais antes de sua introdução no ambiente educacional, bem como o nível de conhecimento esboçado pela mesma, como podemos ver a seguir:

...É fundamental perceber como a criança esta pensando o que é a escrita, nos diferentes estágios da evolução da sua compreensão durante o processo de aquisição deste conhecimento, a gênese da lecto—escrita é de grande valia. Sendo possível a quem ensina perceber que habilidades a criança já adquiriu, quais as que ela precisa adquirir em dado momento e que dificuldade ela precisa superar. Assim serão possíveis maiores chances de êxito tanto para quem ensina, como para quem aprende no processo de alfabetização (MEDEIROS, 2002, p. 12).

Compreender as informações que a criança já absorveu, seja no ambiente escolar ou fora dele, em sua realidade social, dará um ponto de partida norteador para o professor empreender os devidos procedimentos que venham a estimular o início da alfabetização das crianças sob sua responsabilidade.

De uma maneira geral, a alfabetização é definida para muitos como o aprendizado do alfabeto, o sujeito aprende ou simplesmente memoriza a gramática e suas variações, porém esta etapa consiste não só na construção das habilidades mecânicas, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar, produzindo novos conhecimentos e novas formas de compreender o uso da linguagem. A inserção deste sujeito no mundo real, formando um cidadão crítico e reflexivo, está intrinsecamente relacionada ao seu contexto social.

Para alguns autores construtivistas, não existe um abismo ou limite entre quem domina a leitura e escrita ou não, mas uma diferenciação elaborada pelo ponto de vista de quem possui o atributo de ensinar, ou seja, o professor; como podemos constatar a seguir:

Portanto, para a teoria construtivista não existe um limite claro entre pré—leitor e leitor, entre pré—escritor e escritor, tampouco haveria momentos, um antes e outro depois da verdadeira aprendizagem. A separação em dois momentos só é aceitável para aqueles que tem um olhar normativo e que esperam que todas as aprendizagens sejam convencionais. Sob nosso ponto de vista, essas aprendizagens, dadas durante o período dos três aos cinco anos, não são prévias, mas fazem parte, por direito próprio, do processo de alfabetização (TEBEROSKY, 2003, p. 16).

Desta forma, a educação é determinada como uma cadeia de códigos culturalmente estabelecidos pelas sociedades em suas realidades e cotidianos específicos, onde tais conhecimentos são esboçados pelas crianças, antes de dominarem os códigos da leitura e escrita a elas apresentados.

Nesta perspectiva, ensinar a ler e escrever não significa tão somente instruir a alguém sobre alguma coisa, não é uma simples memorização de regras ou armazenamento de conteúdos programáticos, mas, sobretudo, o aproveitamento das situações vivenciadas pelas próprias crianças, ou seja, o aproveitamento da realidade social, o trabalho com leituras e

textos significativos que levem os aprendizes a evoluírem neste processo e principalmente procurar ativamente compreender a natureza da linguagem escrita através da interpretação de suas produções espontâneas, pois a aquisição da escrita é produto de uma construção ativa.

É inevitável perceber a extrema complexidade do ofício do professor, sobretudo dos profissionais que se dedicam a mediar crianças nesta aventura do conhecimento e aprendizado das primeiras letras. Inúmeras facetas estão envolvidas neste cenário, que envolvem o acolhimento, perspectivas, projetos e estratégias que agradem aos anseios da escola, pais e principalmente das crianças submetidas a estas práticas.

Temos em jogo dois grandes fundamentos a se considerar: o primeiro aspecto a se por em prática, é estabelecer uma relação afetiva que proporcione um aprendizado, sem interferência de fatores emocionais que prejudiquem a criança em seu aprendizado. O segundo deve analisar o conhecimento que a criança já possua, para utilizar este conhecimento como ponto de partida, fornecendo informações não tão distantes do que a criança já conhece, não ultrapassando o seu limite.

Ler e escrever são bases elementares do processo de alfabetização das crianças, logo, a leitura proporciona aos indivíduos, bem mais que a junção das letras, a educação gera uma consciência individual e coletiva. No intuito de desvendar as palavras, a leitura reflete nossas indagações, nossas interferências, nossas inquietudes, nossa própria transformação para que aconteça a modificação do contexto em que estamos inseridos. A leitura é o testemunho oral de nossas percepções e de nossas ações.

Porque a sociedade é. Ao mesmo tempo, fonte e guardiã da civilização, porque ela é o canal pelo qual a civilização chega até nós, ela nos aparece como uma realidade infinitamente mais rica, mais alta que a nossa individual, uma realidade de onde vem tudo o que é importante os nossos olhos e que, no entanto, nos ultrapassa, porque destas riquezas intelectuais e morais, das quais ela guarda o depósito, apenas algumas parcelas chegam até cada um de nós. (...) Ao mesmo tempo em que nos ultrapassa está dentro de nós, já que não pode viver a não ser em nós e por nós, (La Taille, 1992, p.56).

A escrita é um registro de informações sociais e códigos preestabelecidos nas mais diversas sociedades existentes, e tais informações ou conhecimentos vão oferecer a construção de sujeitos sociais conscientes. Desta maneira, os indivíduos podem confrontar seus conceitos de valores e interpretações com o contexto social que se confrontam.

Percebemos que a evolução do educar, não está apenas em ensinar às crianças a decodificar o que está escrito nos livros e lições, mas gerar indivíduos conscientes da

sociedade que vivem e do lugar social que ocupam. Obviamente grandes passos para alfabetização das crianças dependem da interação delas com os adultos:

O que as crianças aprendem com a participação nessas práticas? Nas famílias onde ocorrem o que denominamos práticas de leitura, os adultos contribuem para o desenvolvimento do conhecimento sobre escrita e sobre linguagem escrita. A contribuição pode ser mais direta, através da leitura de histórias, ou mais incidental, através da interação com o abundante material impresso urbano ou doméstico, tão comum em nossa sociedade atual (TEBEROSKY, 2003, p. 19 – 20).

Percebemos a importância da relação familiar no desenvolvimento da criança, pois tal iniciativa torna-se uma atividade prazerosa, e facilitadora dos primeiros passos no que diz respeito ao interesse da criança por compreender o que está escrito no material impresso a sua frente. E mesmo famílias que não tem o poder aquisitivo de adquirir livros, podem realizar a prática da leitura de cartazes em vias públicas como alternativa a leitura de histórias.

Reproduzir o comportamento dos adultos é uma realidade, esboçada pelas crianças, que observam atentamente até mesmo as expressões do rosto de quem folheia um simples jornal. Elas ouvem os comentários sobre as informações lidas e atentam as reações dos pais a respeito das informações impressas ali. Tais objetos periódicos como jornais, revistas podem contribuir profundamente para a evolução do aprendizado de uma criança:

O material impresso de tipo doméstico consiste em escritos utilitários e cotidianos nos quais se aprende a ler para fazer. Esta aprendizagem tem sido descrita como saber fazer a partir do ato de ler e da escuta da leitura de outrem. Felizmente em nossa sociedade, o jornal é um objeto cotidiano na vida de muitas famílias de cultura letrada (TEBEROSKY, 2003, p. 28 – 29).

Sendo bastante variado e múltiplo o número de periódicos, como jornais e revistas consumidos pelas famílias, o estímulo ao aprendizado das crianças pela leitura em voz alta, e mesmo a geração de uma curiosidade pelas expressões faciais ou pelas ilustrações do texto, podem ser uma experiência proveitosa na evolução deste aprendizado.

A educação das crianças, além de depender de uma relação profundamente afetiva com o educador, necessita da participação da família, atentando aos fatos que rodeiam o cotidiano desta criança e os utilizando no ensino e nas primeiras formas de registrar esta compreensão da realidade. É preciso entender que a criança, mesmo sem saber ler e escrever ainda, já é um leitor e intérprete da realidade à sua volta. Desta forma, no ambiente escolar algo que venha a fugir dos seus anseios e lhe gerar traumas, pode contribuir de forma bastante negativa no seu aprendizado.

Atenção e afetividade são fundamentos imprescindíveis na gênese educacional de qualquer indivíduo. Por muitos anos, a disciplina nas escolas era imposta sobre as crianças, com mecanismos extremamente violentos, onde tais medidas interferiam muito negativamente neste processo, gerando traumas bastante profundos nas gerações submetidas a estas práticas. Sobre esta situação, podemos ver a seguir:

A história da disciplina na escola precisa ser compreendida no contexto mesmo da institucionalização do processo de educação das novas gerações e de seu conseqüente confinamento a escola. O rigor no tratamento dispensado aos alunos, bem caracterizado pelas práticas educativas vinculadas as ordens religiosas, relaciona-se a permanente tentativa de adequar os espaços, os tempos, os conteúdos, as práticas escolares diversas ao ideal de homem demandado pela organização social: servil ou impositivo, submisso ou determinado, dependente ou autônomo, cabendo sempre aos grupos populares a primeira característica destes binômios. A disciplina portanto, tem sido um instrumento significativo para execução deste projeto, concretizando-se no contexto escolar pelas filas intermináveis, pelo controle do uso do tempo, pela uniformização do vestuário, pela homogeneização do espaço educativo. (MOLL, 1998, p.110).

De certa forma, as crianças têm seu corpo e compreensão da realidade moldados de acordo com os anseios da sociedade. No decorrer da história da educação, repetitivos métodos e sanções foram impostas sobre as crianças, reproduzidas tradicionalmente, pela disciplina, sem considerar a possibilidade de traumas e sequelas em relação a estes métodos.

Ao visualizarmos a estrutura de uma sala que tenha os recursos necessários a gerar o aprendizado da leitura e escrita para crianças, podemos refletir que o sentido de ensinar vai bem mais além do que um código de ética social. O professor se sente bastante motivado ao ver as crianças que orienta em sala de aula traçarem suas primeiras letras. É algo muito satisfatório para o profissional da área.

Em muitos aspectos, seja na rede privada de ensino ou na rede pública, o professor tem que se submeter ao projeto político pedagógico do estado ou mesmo do aparelho escolar privado:

Nega-se ao professor a possibilidade de escolha de seu método, que sua experiência poderia selecionar e até mesclar, como sugerem as observações de sala de aula. Nega-se, principalmente, a força da interação professor aluno que, por isso mesmo, pode transformar qualquer método e sua utilização (BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – Ministério da educação, secretaria de educação especial. Brasília: MEC/SEF. 2007. Pág. 101).

Leitura e escrita possuem etapas de ensino que devem ser empreendidas de acordo com a desenvoltura de cada criança:

À medida que as crianças percebem que a escrita representa os sons da fala, o professor poderá propor atividades de leitura. Nestas, tendo algumas informações sobre o nome, o valor sonoro e a grafia de algumas letras, assim como sobre a escrita dos nomes das crianças da classe, cada criança poderá localizar num texto conhecido de memória onde está a palavra (BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – Ministério da educação, secretaria de educação especial. Brasília: MEC/SEF. 2007. Pág. 110).

Para dinamizar o ambiente educacional, o professor pode elaborar e por em prática, jogos com letras que motivem o aprendizado individual e coletivo. Esses sistemas de idéias podem ser oferecidos para as crianças motivando o processo de aprendizado, a partir da procura de palavras que tenham contexto com os cotidianos das crianças a serem ensinadas. Tal motivação não ensina apenas a decodificar textos ou transcrever os sons da fala, mas interpretar e entender o que lhes é dado a ler. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 53), leitura é:

...É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo na construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê.

Enquanto a criança não compreende o significado das letras, ela cria seu próprio alfabeto ou letras com rabiscos e desenhos que não devem ser ignorados. A criança rabisca ou desenha uma realidade que já faz parte do seu conhecimento, e desta forma não podem ser ignorados pelo professor.

As crianças já têm conhecimento dos fatos, o ensino vai norteá-las, levando-as a desenvolver as capacidades a partir do momento que se inicia a vida escolar. O processo de construção da escrita exige que a criança possua um espaço que favoreça um ambiente alfabetizador, onde ela possa manipular, verificar e construir sua escrita (SOUZA, 1970, p. 44).

Levando em consideração a importância da afetividade na educação de crianças, sobretudo em seus primeiros passos na aprendizagem, nos voltamos a esta realidade social do professor como facilitador deste processo e do aluno, como agente da construção do seu conhecimento, como podemos ver a seguir:

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores, existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não se dá pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente. (WALLON, 1954, p. 288).

Numa perspectiva de trabalho em que se considere o aluno como protagonista da construção de sua aprendizagem, o papel do professor ganha novas dimensões.

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. (SALTINI, 2008, p. 100).

Uma faceta deste papel é de organizador da aprendizagem; para desempenhá-la, além de conhecer as condições sócio-culturais, expectativas e competência cognitiva dos alunos, precisará entender os problemas que atrapalhem a aprendizagem, buscando alimentar a afetividade de forma mútua.

Ao apreender transformações por que passaram seus procedimentos, norteiam a compreensão dos valores que orientaram os professores de cada época. Ao entender os valores passados da educação, podemos compará-los aos atuais e a filosofia buscaria novas alternativas na fixação de novos valores. A reflexão filosófica do ensino levanta uma oportunidade fantástica, de construir novos valores e construir um mundo mais evoluído. Mesmo em sociedades contemporâneas, a criança é submetida ao aprendizado das condições de ajustamento ao seu ambiente físico e social. Na perspectiva da ligação entre desenvolvimento real e o efetivo, percebemos a grande importância desta parceria:

O desenvolvimento pessoal seria operado em dois níveis: o do desenvolvimento real ou efetivo e o afetivo referente às conquistas realizadas e o desenvolvimento potencial ou proximal relacionado às capacidades a serem construídas [...] os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem e estão inteiramente enraizados em suas interações e influências mútuas. (VYGOTSKY, 1934, p. 120).

Percebemos que a relação entre afetividade e educação, sobretudo de crianças em seus passos iniciais na educação, são esboçadas no desenvolvimento dos indivíduos, em face das conquistas adquiridas em seu processo educacional.

Uma impressão inadequada no primeiro contato com o professor pode ser mais traumatizante para uma criança do que muitas outras experiências desagradáveis. Neste prisma, percebemos a importância da afetividade na introdução deste convívio social e curiosidade sobre o conhecimento:

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades. (HILLAL, 1985, p. 18).

A importância da afetividade na Educação Infantil aparece como um fator imprescindível e inovador. Em nossa contemporaneidade, como professores, temos uma perspectiva diferenciada, em que podemos utilizar a afetividade como um dispositivo metodológico.

Por muito tempo o papel da educação era garantir disciplina e a geração de indivíduos adequados às normas da sociedade. O primeiro passo foi a construção de prédios próprios para as escolas, imponentes, majestosos, higiênicos e assépticos. Os grupos escolares, considerados templos do saber. As atribuições do professor transbordavam das funções de mediador entre os alunos e o aprendizado. Tínhamos o papel de conduzir os alunos até as turmas, fiscalizar o comportamento na entrada da escola, evitando os excessos por parte dos alunos. Dentro das salas a higiene pessoal era verificada minuciosamente. A higiene do espaço escolar dentro e fora da sala de aula era fiscalizada também.

A afetividade tem uma importância bem maior do que estrutura, códigos, espaços ou estratégias, pois sem ela, a interação da criança com a sociedade fica comprometida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil tem por objetivo preparar a criança para a etapa de alfabetização, transformando esta criança em um leitor e escritor, mesmo antes de mesma dominar o conhecimento das letras. Para tal ambiciosa finalidade, o profissional observa o comportamento da criança, analisa em seus primeiros desenhos e rabiscos, uma primeira tentativa de escrita e compreensão da realidade. Após observar estes aspectos, o educador empreende uma relação educativa de amizade, onde estimula a criança a aprender novas informações e códigos da escrita, com novidades próximas do conhecimento que a criança já possui.

Assim, o professor utiliza recursos da Pedagogia, Psicologia da Educação e de sua experiência, bem como a afetividade, para elaborar estratégias que facilitem o ensino e estímulo da leitura e escrita na educação infantil, estabelecendo uma relação afetiva com seus alunos, cujo grande objetivo é gerar leitores e escritores, em meio às dificuldades das específicas realidades estruturais da escola que ensina, bem como, da receptividade destes alunos com seus estímulos e estratégias.

Uma vez que dentro da cotidiana relação aluno e professor, os professores se constituem como mediadores entre os alunos e o conhecimento, debruçando-se sobre esta relação, percebemos o profundo valor que a afetividade tem na educação de crianças, bem como, na formação social desses indivíduos. Leitura e escrita são fundamentos que estão intimamente ligados, a gênese do processo de interação dos indivíduos com a sociedade, ou seja, o processo inicial da educação começa pelo ensino do ler e do escrever, e a afetividade se constitui como um recurso imprescindível.

ABSTRACT

This study aimed to discuss the importance of affectivity in introducing children in kindergarten, Bibliographically investigating the developments that the absence of these practices can generate affective on children. Such research was made possible by the theoretical contribution of authors involved with the Educational Psychology, as Piaget (1982), Davis (1991) and Vygotsky (1998), authors involved in early childhood education as Valle (2000) and Medeiros (2002) and the contribution of constructivism by Moll (1998). Based upon these and other readings, this approach tried to understand the practices and strategies of this teacher-student relationship, especially in kindergarten. Try to emphasize to support these theoretical references the importance of affection at the same time along the

bibliographic research, we answer hypotheses at the beginning of the research, whose importance is outlined individually and a deep social and collective.

KEY-WORDS: Affectivity , Children, Early Childhood Education.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305 p.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – Ministério da educação, secretaria de educação especial. Brasília: MEC/SEF. 2007.

CARRETERO, Mario. **Desenvolvimento Cognitivo e Aprendizagem**. IN: Construtivismo e Educação. São Paulo, Ed. Artes Médicas, 2009.

DAVIS, Cláudia. OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de, **A Teoria de Freud**. IN: **Psicologia da Educação**. São Paulo. Editora Cortez. 1991.

HILLAL, Josephina. **Relação professor – aluno: formação do homem consciente**. São Paulo: Paulinas, 1985.

<http://www.facaparte.org.br>. acesso dia 31 de julho de 2014.

LA TAILLE, Yves. Piaget, Vygotsky, Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão**, _____, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

MEDEIROS, Maria Gorete de. **Evolução das Concepções Infantis acerca do Conhecimento da Leitura e da Escrita no Período de Alfabetização**. Campina Grande, UFCG, 2002.

MOLL, Jaqueline e BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Construtivismo: desconstituindo mitos e constituindo perspectivas**. 1998.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado. **A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: AVANÇOS, RETROCESSOS E DESAFIOS DESSA MODALIDADE**

EDUCACIONAL: IN: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p.78-95,mar.2009 - ISSN: 1676-2584.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência.** 5º ed.- Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

SOUZA, Iracy Sá de. **Psicologia:** a aprendizagem e seus problemas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.

TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

VALLE, Edênio. **Avaliação da inteligência emocional e escola.** IN: Educação Emocional. São Paulo, ed. Olho D'água, 2000.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

WALLOW, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições, 1995.